

A SEMANA – 129

John Gledson

Apesar da habitual “modéstia” do cronista frente à política e à História com maiúsculo, e às grandes festas públicas, no caso a inauguração da estátua do general Osório na Praça XV, e a posse do primeiro presidente civil da República, Prudente de Morais, Machado não pode fugir ao assunto. De fato, aqui há diplomacia propriamente política, pois dá a impressão que a transição foi mesmo pacífica e harmoniosa, quando todo mundo sabia que a tensão era muito grande: Floriano recusou-se a dar as boas-vindas a Prudente quando este chegou ao Rio, vindo de São Paulo, e não compareceu à cerimônia de posse. As palavras de louvor ao agora ex-presidente Floriano devem ser as únicas da obra de Machado, mas talvez não lhes falte inteiramente sinceridade: Floriano, apesar de tudo, tinha mantido a unidade da nação. Feitas estas homenagens necessárias, Machado volta para o passado: a referência ao barão de São Lourenço é uma reminiscência dos tempos do jovem repórter e cronista do *Diário do Rio de Janeiro*, lembrados mais tarde, em 1898, em “O velho Senado”. Aqui, a figura de Osório serve para deixar transparecer a saudade de alguns hábitos do regime anterior: os ministérios que se faziam nas câmaras, por exemplo, no sistema parlamentar. A presença das mulheres na cerimônia atual, embora não votem ainda, para ele é certamente um avanço.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 174-178.



A SEMANA

18 de novembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Uma semana que inaugura na segunda-feira uma estátua e na quinta um governo, não é qualquer dessas outras semanas que se despacham brincando. Isto em princípio; agora, se atenderdes à solenidade especial dos dois atos, à significação de cada um deles, à multidão de gente que concorreu a ambos, chegareis à conclusão de que tais sucessos não cabem numa estreita crônica. Um mestre de prosa, autor de narrativas lindas, curtas e duradouras, confessou um dia que o que mais apreciava na história, eram as anedotas.¹ Não discuto a confissão; digo só que, aplicada a este ofício de cronista, é mais que verdadeira. Não é para aqui que se fizeram as generalizações, nem os grandes fatos públicos. Esta é, no banquete dos acontecimentos, a mesa dos meninos.

Já a imprensa, por seus editoriais, narrou e comentou largamente os dois acontecimentos. Osório foi revivido, depois de o ser no bronze, e Bernardelli glorificado pela grandeza e perfeição com que perpetuou a figura do herói. Quanto à posse do Sr. presidente da República, as manifestações de entusiasmo do povo e as esperanças dessa primeira transmissão do poder, por ordem natural e pacífica, foram registradas na imprensa diária, à espera que o sejam devidamente no livro. Nem foram esquecidos os serviços reais daquele que ora deixou o poder, para repousar das fadigas de dois longos anos de luta e de trabalho.

Não nego que um pouco de filosofia possa ter entrada nesta coluna, contanto que seja leve e ridente. As sensações também podem ser contadas, se não cansarem muito pela extensão ou pela matéria; para não ir mais longe, o que se deu comigo, por ocasião da posse, no senado. Quinta-feira, quando ali cheguei, já achei mais convidados que congressistas, e mais pulmões que ar respirável. Na entrada da sala das sessões, fronteira à mesa da presidência, muitas senhoras iam invadindo pouco a pouco o espaço, até conquistá-lo de todo. Era novo; mais novo ainda a entrada de uma senhora, que foi

¹ Prosper Mérimée (1803-1870), uma das grandes admirações de Machado. Já citara este comentário na crônica de 12 de março de 1893. É do começo do prefácio à *Chronique du temps de Charles IX* (1830).

sentar-se na cadeira do barão de S. Lourenço.² Ao menos, o lugar era o mesmo; a cadeira pode ser que fosse outra. Daí a pouco, alguns deputados e senadores ofereciam às senhoras as suas poltronas, e todos aqueles vestidos claros vieram alternar com as casacas pretas.

Quando isto se deu, tive uma visão do passado, uma daquelas visões chamadas imperiais (duas por ano), em que o regimento nunca perdia os seus direitos. Tudo era medido, regrado e solitário. Faltava agora tudo, até a figura do porteiro, que nesses dias solenes calçava as meias pretas e os sapatos de fivela, enfiava os calções, e punha aos ombros a capa. Os senadores, como tinham farda especial, vinham todos com ela, exceto algum padre, que trazia a farda da igreja. O barão de S. Lourenço, se ali ressuscitasse, compreenderia, ao aspecto da sala, que as instituições eram outras, tão outras como provavelmente a sua cadeira. Aquela gente numerosa, rumorosa e mesclada esperava alguém, que não era o imperador. Certo, eu amo a regra e dou pasto à ordem. Mas não é só na poesia que *souvent un beau désordre est un effet de l'art*.³ Nos atos públicos também; aquela mistura de damas e cavalheiros, de legisladores e convidados, não era das instituições, mas do momento; exprimia um “estado da alma” popular. Não seria propriamente um efeito da arte, concordo, e sim da natureza; mas que é a natureza senão uma arte anterior?

Gambetta achava que a República Francesa “não tinha mulheres”.⁴ A nossa, ao que vi outro dia, tem boa cópia delas. Elegantes, cumpre dizê-lo, e tão cheias de ardor, que foram as primeiras ou das primeiras pessoas que deram palmas, quando entrou o presidente da República. Vede a nossa felicidade: sentadas nas próprias curuis, do legislador, nenhuma delas pensava ocupar, nem pensa ainda em ocupá-las à força de votos.

Não as teremos tão cedo em clubes, pedindo direitos políticos. São ainda caseiras como as antigas romanas, e, se nem todas fiam lã, muitas a⁵ vestem, e vestem bem, sem pensar em construir ou destruir ministérios.

Nós é que fazemos ministérios, e, se já os não fazemos nas câmaras, há sempre a imprensa, por onde se podem dar indicações ao chefe do Estado. O velho costume de recomendar nomes, por meio de listas publicadas a pedido nos jornais, ressuscitou agora, de onde se deve concluir que não havia morrido. Vimos listas impressas, desde muito antes da posse, a maior parte com algum nome absolutamente desconhecido. Esta particularidade deu-me que pensar. Por que esses colaboradores anônimos do poder

² Francisco Gonçalves Martins, barão e visconde de São Lourenço (1807-1871), senador pela Bahia de 1851 a 1871. A primeira crônica de “Ao Acaso”, de 5 de junho de 1864, ocupa-se longamente de um discurso dele, de duas horas, em que argumentou que os poetas deviam ser excluídos da política.

³ “Muitas vezes uma bela desordem é um efeito da arte”; palavras da *Arte poética* de Nicolas Boileau (1636-1711).

⁴ Machado cita esta frase novamente, desta vez em francês (“la république manque de femmes”), na crônica de 17 de novembro de 1895. Aparentemente era uma “fórmula famosa”. Léon Gambetta (1838-1882), político carismático, foi um dos fundadores da Terceira República francesa.

⁵ Na *Gazeta* está “as”, como já notou Aurélio. Mário de Alencar tem “as”.

executivo? E por que, entre nomes sabidos, um que se não sabe a quem pertence? Resolvi a primeira parte da questão, depois de algum esforço. A segunda foi mais difícil, mas não impossível. Não há impossíveis.

O que me trouxe a chave do enigma, foi a própria eleição presidencial. As urnas deram cerca de trezentos mil votos ao Sr. Dr. Prudente de Moraes, muitas centenas a alguns nomes de significação republicana ou monárquica, algumas dezenas a outros, seguindo-se uma multidão de nomes sabidos ou pouco sabidos, que apenas puderam contar um voto. Quando se apurou a eleição, parei diante do problema. Que queria dizer essa multidão de cidadãos com um voto cada um? A razão e a memória explicaram-me o caso. A memória repetiu-me a palavra que ouvi, há ano, a alguém, eleitor e organizador de uma lista de candidatos à deputação. Vendo-lhe a lista, composta de nomes conhecidos, exceto um, perguntei quem era este.

– Não é candidato, disse-me ele, não terá mais de vinte a vinte e cinco votos, mas é um companheiro aqui do bairro; queremos fazer-lhe esta manifestaçãozinha de amigos.

Concluí o que o leitor já percebeu, isto é, que a amizade é engenhosa, e a gratidão infinita, podendo ir do pudim ao voto. O voto, pela sua natureza política, é ainda mais nobre que o pudim, e deve ser mais saboroso, pelo fato de obrigar à impressão do nome votado. Guarda-se a ata eleitoral, que não terá nunca outono. Toda glória é primavera.

Toda glória é primavera. A estátua de Osório vinha naturalmente depois desta máxima, mas o pulo é tão grande, e o papel vai acabando com tal presteza, que o melhor é não tornar ao assunto. Fique a estátua com os seus dois colaboradores, o escultor e o soldado; eu contento-me em contemplá-la e passar, e a *lembrar-me* das gerações futuras que⁶ hão de contemplar como eu.



⁶ Parece faltar, depois deste “que”, o pronome “a”, referência à estátua.